

A PRODUÇÃO DE CENTRALIDADES URBANO-REGIONAIS NO ESTADO DO AMAZONAS

Isaque dos Santos Sousa

isaque13@gmail.com

Prof. Assistente do Curso de Geografia
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

RESUMO

Este artigo discute a produção de centralidades urbana e regionais no estado do Amazonas a partir das condições materiais de produção do espaço e das relações socioeconômicas nele estabelecidas. Para tanto, parte-se inicialmente do entendimento de que a produção do espaço geográfico dá-se de maneira contraditória e conflituosa, refletindo a sociedade, suas necessidades e interesses. A situação geográfica dos municípios e a relação entre eles, bem como os empreendimentos públicos e privados apontados e os investimentos em infra-estrutura, os quais são bases para a análise da produção de centralidades no espaço regional. O texto é fruto de revisão bibliográfica, mas ilustrado com informações de pesquisas anteriores, e com dados de órgãos oficiais como IBGE, ANATEL, SEFAZ-AM. Entende-se que a centralização das atividades e serviços especializados produzindo as centralidades no espaço urbano-regional, é fruto das relações capitalistas (privadas ou de Estado) geradas pelas condições gerais de produção e, portanto mutáveis conforme os interesses dos agentes produtores de espaço.

Palavras-Chave: Amazonas; centralidade urbana, desenvolvimento regional.

PRODUCTION URBAN CENTRALITY-REGIONAL STATE OF AMAZONAS

ABSTRACT

This paper discusses the production of urban-regional focal points in the state of Amazonas from the material conditions of production space and socioeconomic relations therein. To do so, it starts initially from the understanding that the production of geographical space takes place in a manner contradictory and conflicting, reflecting the society, their needs and interests. The geographical situation of the municipalities and the relationship between them and the public and private enterprises pointed and investments in infrastructure, which can be the basis for analyzing the production of regional focal points in space. The text is the result of a literature review, but illustrated with information from previous research and data from official agencies as IBGE, ANATEL SEFAZ-AM. Therefore, it is understood that the centralization of activities and specialized services producing centralities in the urban-regional, is the result of capitalist relations (private or state) generated by the general conditions of production and therefore changeable as the interests of local producers space.

Keywords: Amazon; urban centrality, development regional.

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico é produto das relações sociais e ao mesmo tempo um condicionador dessas mesmas relações. Assim sendo, as condições de vida em uma dada porção da superfície terrestre são reflexos e condicionantes dos processos espaciais e da constituição dos territórios, como escreve Souza (2003: 99) “a organização espacial e as formas espaciais, uma vez produzidas, influenciam os processos sociais subseqüentes” que significam ainda a produção das distintas territorialidades nos espaços vividos.

No Amazonas, o processo de produção do espaço geográfico e conseqüentemente dos territórios e territorialidades é marcado pela dependência de fatores externos, os quais ultrapassam o *lugar*.

Recebido em 19/01/2011

Aprovado para publicação em 24/05/2011

Ao longo da história de ocupação da Amazônia, seu o espaço tem sido penetrado por interesses distantes da realidade local, com a predominância das relações sociais de mercado. (OLIVEIRA, 2000). Assim, os problemas nessa região são frutos da concepção que se tem do espaço geográfico, das estratégias de intervenção e dos mecanismos concretos. Como bem discute Berta Becker (2008), sobre as contradições existentes na Amazônia – são intrínsecas ao modo de inserção da região no sistema capitalista mundial.

Por estas e outras razões, como as peculiaridades da Amazônia brasileira, discutir os conceitos de centro e centralidade a partir das cidades no Amazonas não é tarefa simples, porque de um lado podem até argumentar não existir, de fato, outras cidades além de Manaus; isto é, considerando os padrões que costumamos imaginar do que é a cidade (OLIVEIRA, 2004; LENCIONI, 2008,). Por outro, tal entendimento já salienta a presença de uma centralidade urbano-regional no Estado, onde a concentração sócio-territorial é dada com bastante intensidade, considerando as condições gerais de (re) produção e os *sistemas de engenharias* aí encontradas.

Sob este aspecto, da distribuição/concentração de infra-estrutura e da intensificação do uso da terra, bem como da oferta de serviços típicos do urbano, também é possível destacar algumas *ilhas urbanas* na região, o que nos leva a apreender características de centralidades mesmo nas pequenas cidades interioranas, onde “o rio, a floresta e a cidade têm no porto a fronteira entre o real e o imaginário, possibilitando-nos leituras múltiplas de ritmos de tempos diversos” (OLIVEIRA, 2004:2)

Neste texto, buscaremos comentar os traços da(s) centralidade(s) posta com os traços culturais e econômicos de algumas dessas “*cidades*” do interior do estado. Para tanto, são consideradas as características fisiográficas da região, a infra-estrutura existente, equipamentos sociais presentes e, os investimentos advindos a partir de empreendimentos como as indústrias da Zona Franca de Manaus – ZFM, a exploração de petróleo e gás na região amazônica e a implementação de algumas políticas (públicas?) para o desenvolvimento do espaço econômico local-regional.

CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DAS CIDADES NO AMAZONAS

O estado do Amazonas é formado por 62 municípios, incluindo a capital Manaus e possui a expressiva extensão territorial de 1,5 milhões de km². Conforme números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2005) aproximadamente 75% dos seus 3,2 milhões de habitantes moram nas cidades, as quais estão distribuídas ao longo das calhas dos rios; Negro, Solimões-Amazonas e seus afluentes.

Esses 62 municípios são quase todos formados de pequenas cidades, cujas características são a baixa articulação com as cidades do entorno, atividades econômicas quase nulas, com predomínio de trabalho ligado aos serviços públicos; baixa capacidade de oferecimento de serviços, mesmo os mais básicos ligados à saúde, educação e à segurança; além da predominância de atividades caracterizadas como rurais. (OLIVEIRA, 2004)

Em quase toda região amazônica, a maioria das cidades teve sua origem relacionada aos rios; e embora muitas delas estejam de costas para eles², suas dinâmicas sócio-territoriais ainda são influenciadas pelo regime das águas. Não obstante, que transformações presentes podem ser entendidas pelo fato de os corações das cidades serem objeto de dinâmicas múltiplas e de re-investimentos importantes, tanto da parte dos atores políticos e econômicos, como dos atores sociais. (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006)

No caso do estado do Amazonas, esta localização das cidades ao longo dos rios dá-lhes identidades similares quando observadas numa escala pequena; isto é, quando se ver o estado como um todo, suas áreas de terras firmes, onde predomina a malha rodoviária, seus terrenos de várzea, adubados sazonalmente pela cheia e vazante do rio Solimões-Amazonas, são as características mais predominantes na Amazônia ocidental brasileira, que nesse caso consideramos apenas o estado do Amazonas.

² Para a historiadora Etelvina Garcia, “Manaus é uma cidade portuária, que nasceu de frente para o rio, e, no momento em que nós viramos as costas para ele e aterrmos os nossos igarapés, estamos negando as nossas raízes, querendo ser uma cidade européia ganhar vestimenta européia. A música ‘Porto de Lenha, tu nunca serás Liverpool’, de Aldísio Filgueiras e Torrinho, retrata muito bem essa situação”. O geógrafo Saint-Clair Trindade Jr. também compartilha desse entendimento ao discutir as dinâmicas experimentadas pela cidade de Belém.

Nas cidades a beira da estrada, como escreve Oliveira (2004), as transformações são rápidas a ponto de, aparentemente surgirem [novos] modos de vida do nada, “num lastimável domínio da geografia do lugar nenhum”. E naquelas situadas às margens dos rios, explica o autor, parecem ter uma dinamicidade ligada a uma dimensão da sustentabilidade e da biotecnologia articuladas por ONGs com cidades distantes e globais, conectando-se aos processos globais como expõe Tourinho (2006), contudo, não deixam de serem espaços desprovidos de memória e significância própria. Para verificar as dessemelhanças e as diversidades entre as cidades, ou melhor, entre os lugares e comunidades no Amazonas, basta uma aproximação na escala de análise, diferenças estas intensificadas com a proximidade de um centro produtor, a exploração de algum recurso natural etc. Tais condições possibilitam transformações econômicas, sociais e demográficas, bem como o estabelecimento de hierarquia entre as sedes destes municípios.

Considerando o critério demográfico, temos primeiramente a cidade de Manaus com elevada concentração populacional, e conseqüentemente dos negócios e serviços, bem como de qualquer infra-estrutura existente no estado. Em seguida, as cidades de Parintins, Itacoatiara, Manacapuru, Coari, Tabatinga, e assim demais cidades do interior. Sob este parâmetro, há um dado interessante que ressalta essa macrocefalia no Estado – nenhum dos 61 municípios do interior tem ao menos dez por cento da população residente na capital.

Mas como se sabe, para o entendimento das hierarquias ou rede de cidades não se deve lançar mão apenas do critério populacional, pois cada pequena cidade, que como já sabemos pouco se articula com aquelas ao seu entorno, contudo não deixam de se estabelecerem em rede, às vezes até internacional. Esta articulação do local-global pode dar-se em função de suas especificidades locais, o que lhes fazem despontar para uma centralidade única ou o que poderíamos chamar de centralidade específica associada a um produto de lá extraído, ou ainda, a uma manifestação cultural. Portanto, registra-se o predomínio das verticalidades em detrimento das horizontalidades, condição esta características da globalização perversa. (Santos, 2000).

Quanto à disposição das cidades do estado do Amazonas, observamos que sua situação geográfica em relação aos rios é o fator predominante. Este arranjo espacial das cidades foi muito bem discutido no trabalho “As cidades e os rios: tipificação da rede urbana na calha Solimões-Amazonas” desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB, onde se ilustra a classificação das cidades no Amazonas na calha do rio Solimões. A distância entre elas, por exemplo, poderia ser apontada como um elemento isolador, isto é, sem considerar os modernos meios de comunicação e transporte, os quais, na realidade estão disponíveis a apenas alguns destes lugares o que os torna de fato isoladas ou pelo menos de difícil acesso.

Considerando o sistema de telefonia móvel, para exemplificar, apenas 5 ou 6 cidades no estado têm disponíveis as quatro operadoras (Vivo, Tim, Oi, Claro). Caso o cliente da operadora 1, na cidade A, viaje para a cidade de B, onde só tenha os serviços da operadora 2, o mesmo poderá ficar sem este serviço. Em alguns casos, o cliente é obrigado a pagar um valor dobrado no custo da ligação, isto quando uma operadora disponibiliza sua cobertura para a outra, no entanto, quando se trata de sistemas diferentes, nem mesmo pagando mais é possível sair do isolamento.

É válido registrar que a distribuição das estações rádio-base de operadoras de telefonia móvel no Amazonas, concentra-se na cidade de Manaus, isto é, aproximadamente 80% das 583 antenas estão na capital, conforme dados divulgados pela Anatel em julho de 2008. Mas a situação é mais grave para 25 municípios do estado que não dispunha de nenhuma operadora de telefonia móvel.

CENTRO E CENTRALIDADE URBANA E REGIONAL

Como podemos verificar, discutir as centralidades é também falar das zonas periféricas, pois ao mesmo tempo em que algumas cidades, em função das atividades ou serviços nelas disponíveis se transformam em centralidades urbano-regionais, assim identificamos as periferias, os lugares desprovidos, no caso do Amazonas, até de serviços básico-essenciais, como o sistema de transporte, de educação, saúde e comunicação. Tal situação se dá porque a produção do espaço está vinculada à reprodução das relações sociais de produção que, sob

o modo capitalista de (re) produzir, fundamenta-se na busca excessiva do lucro, na expropriação, na desigualdade (GOTTDIENER, 1993; CARLOS, 1994; SOBARZO, 2006). Desigualdade esta, acirrada pela distribuição dos equipamentos sociais, dos produtos e bens naturais, expropriados da grande parcela da população. É a partir disto, que o diferente, o melhor, o mais acessível, (socialmente produzido) cria, de um lado, espaços privilegiados, centralidades urbano-regionais e de outro, lugares distantes (ou mesmo próximos) desprovidos de qualquer atratividade.

Conforme Tourinho (2006) o centro é um espaço qualificado e duro em complexidade (histórica, arquitetônica, urbanística, legal, política, social, econômica, simbólica) e em sua diversidade, para esta autora, o Centro se perfila como um espaço de difícil apropriação, resistente a qualquer tipo de uniformização.

Não se pode dizer que o Centro é um lugar democrático, pois não é um espaço homogêneo, nem livre de segregação: “o centro da cidade, como a periferia, está repartido em espaços territorial e socialmente definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação. (...) o centro assume outra característica importante que pode diferenciá-lo de grande parte do tecido urbano: esta característica é a diversidade. (TOURINHO, 2006: 280).

A diversidade e complexidade inerentes ao centro/centralidade intra-urbana são dadas pelos usos e pelas distintas atividades desenvolvidas, estas características também estão impregnadas na formação dos centros/centralidade urbano-regionais. Neste sentido, as centralidades urbano-regionais embora possuam diferenças da centralidade intra-urbana, como expõe Villaça (1998: 29) entende-se que há muitas similaridades entre ambas. Trata-se do mesmo meio geográfico onde se agrupam as atividades com maior acessibilidade, como escreve Ascher (2001).

Por seu turno, esta centralidade urbano-regional é cada vez mais reforçada uma vez que “as grandes empresas precisam, também, para as suas atividades estratégicas, de uma mão-de-obra muito qualificada e de serviços de alto nível que só podem ser encontrados nas grandes aglomerações” (ASCHER, 2001: 61). No caso do Amazonas, seria incompleto simplesmente afirmar que nas centralidades urbano-regionais estão *grandes aglomerações* em termos absolutos, quando observamos a relativa densidade demográfica nesses espaços, perceberemos os aglomerados, que preferimos chamar de *ilhas urbanas*, constituídos no território amazonense.

Para exemplificar centros urbanos regionais no Amazonas e onde se expressa centralidade, citamos as cidades de Coari e Manacapuru. A primeira é sede do município onde se localiza a mais importante base de exploração de Petróleo e Gás da Amazônia – a província petrolífera de Urucu. A cidade de Coari tem sido beneficiada com os altos valores em royalties pagos pela Petrobrás.

Já na segunda cidade, Manacapuru, as transformações sócio-espaciais intensas também estão ligadas à exploração de gás natural e, sua centralidade passa a se destacar durante a construção do gasoduto Coari-Manaus, quando ela foi escolhida como pólo base para instalação dos trabalhadores, especialmente engenheiros e demais responsáveis pelo empreendimento.

Esta segunda cidade por estar situada próxima de Manaus (87 km) faz parte da recém criada Região Metropolitana de Manaus – RMM e recebe a influência de outro grande empreendimento que a ponte sobre o rio Negro (em construção). Com 3,6 quilômetros de extensão e, prevista para ser inaugurada em setembro de 2010, essa ponte, além revolucionar o sistema de transporte entre esta cidade e a capital, também contribui para a especulação imobiliária e a vertiginosa expansão de seu sítio urbano.

AS CENTRALIDADES ATUAIS NO ESPAÇO URBANO-REGIONAL DO AMAZONAS

Os centros de atração e de polarização de atividades/serviços no estado do Amazonas são as cidades de Manaus, Parintins, Itacoatiara, Coari, Manacapuru e Tabatinga, o que também coincide com as maiores em termos demográficos. Em realidade, conforme o tema escolhido haverá pontos de atração ou centralidades urbano-regionais diferenciadas; no caso da indústria e comércio, Manaus é sem dúvida a maior centralidade existente, não somente no Amazonas, porém em toda Amazônia ocidental brasileira. No segmento turismo, as centralidades urbano-regionais encontradas são Parintins, no baixo-amazonas, que por causa da festa dos bois-bumbás ganhou destaque nacional; Barcelos no médio rio Negro, com a festa e também

comercialização de peixes ornamentais, exportado para vários países da Europa; Maués no extremo leste amazonense, onde acontece o festival de verão; Presidente Figueiredo, ao norte de Manaus, situada em uma zona de intenso afloramento rochoso, tem como destaque as corredeiras e muitas cachoeiras atrativas para o turismo de aventura; e Novo Airão, também na calha do rio Negro que recebe muitos visitantes para o Parque Nacional do Jaú e Anavilhanas, o maior arquipélago em águas fluviais.

Quando observamos os calendários culturais, isto é, das festas regionais realizado no Amazonas, encontramos uma polarização e centralidade variada não apenas no espaço, mas também no tempo. A cidade de Parintins, no baixo-amazonas realiza no mês de junho o maior festival folclórico do Norte brasileiro. Itacoatiara, no médio Amazonas e a leste de Manaus, organiza em setembro o Festival da Canção – FECANI, do qual tem participado importantes compositores de renome nacional; a cidade de Manacapuru, também chamada de *A princesinha do Solimões* realiza todo mês de agosto a Festa das Cirandas, são três noites de apresentações e, semelhante aos bois-bumbás de Parintins, a rivalidade entre as Cirandas competidoras do festival (Flor Matizada, Tradicional e Guerreiros Mura) é bastante acirrada.

A centralidade urbano-regional exercida por Manaus, a ZFM³ atraiu e ainda atrai indústrias multinacionais que são beneficiadas, primeiramente pela isenção fiscal e nos dias atuais, pelas condições gerais de produção (LENCIONI, 2007) existentes na cidade, que a transformou em metrópole regional capaz de oferecer serviços diversos, boa interação com os sistemas globais e, pronta para atender demandas da *sociedade em rede*. Como nos explica Manuel Castells (1999) são os principais centros metropolitanos que continuam a oferecer as maiores oportunidades de aperfeiçoamento pessoal, *status* social e auto-satisfação aos imprescindíveis profissionais liberais de nível superior – de boas escolas para os filhos a uma adesão simbólica ao grande consumo, inclusive de arte e entretenimento.

Apesar disso das *condições* da centralidade expressa em Manaus a exploração de petróleo e gás natural na província de Urucu, no município de Coari-AM, identifica-se a produção de uma nova territorialização que abrange também cidades do interior, como já aqui anunciado. O fato é que a presença da Petrobrás na região trouxe novo alento à idéia de desenvolvimento [sustentável?] regional e sem dúvida envolve uma nova disposição no território dos insumos para a produção, orientando uma nova gestão territorial.

As reservas de gás natural em Urucu, a 600 quilômetros de Manaus, são de aproximadamente 130 bilhões de m³, o que equivale a mais de 27% do total do Brasil. Dados estes que possibilitaram a construção de um gasoduto, o qual se expressa como elemento-chave para o crescimento econômico e social dos municípios do interior, sobretudo aqueles localizados em sua área de influência, dentre elas Coari e Manacapuru. Afinal, a Petrobras mantém o pagamento de royalties e imposto sobre circulação de mercadorias e serviços – ICMS para cada município do estado. Os municípios maiores beneficiados são Coari, onde os produtos são explorados e Manaus, onde se localiza a refinaria, mas a Petrobrás também paga royalties aos demais municípios da região, da área de influência do gasoduto, a saber Anamá, Anori, Caapiranga, Codajás, Manacapuru, Iranduba, que recebem milhares de reais pagos anualmente para a administração local.

O aumento da arrecadação do município potencializa o poder público local a investir em hospitais, creches e até aterros sanitários. Ademais, os investimentos em infra-estrutura geram condições atrativas para outros empreendimentos, em especial comércio e serviços, como restaurantes, lanchonetes, pizzarias, salões de beleza, clínicas médicas e odontológicas, estes, por sua vez, também atraem mais pessoas, moradores que migram em busca de bem-estar.

Estes elementos provocam transformações profundas inclusive no padrão de consumo das pessoas, a presença de profissionais qualificados e em busca de qualificação, cria desejos e necessidades, especialmente voltadas para comércio, serviços, produzindo assim novas formas sócio-espaciais. Assim, as instalações de empresas multinacionais em uma dada cidade produzem nova territorialização no espaço e novas centralidades econômicas.

³ Os dados comparativos de Manaus em relação a outras cidades têm significados relativos, visto que nesta cidade se concentra um importante pólo industrial com faturamento de 18 bilhões em 2005 e 22 bilhões de dólares em 2006, gerando 100 mil empregos diretos. (OLIVEIRA; COSTA, 2006).

A capacidade de criar centralidade sem Centro evidenciada pelos megaempreendimentos demonstra que é possível extrair riqueza injetando riqueza, isto é, grandes investimentos são capazes de concentrar grandes lucros. Uma parte das chamadas novas centralidades nada é senão criação artificial de espaço urbano (novas áreas), como local único, ainda que reproduzível capaz de acumular e concentrar riquezas e distribuir ou canalizar lucros (intercâmbio) (TOURINHO, 2006: 288).

Diante dessas condições, compreende-se que o agente produtor dessa nova centralidade urbano-regional no Amazonas é, sobretudo, o Estado que por intermédio de grandes empresas como a Petrobrás, Eletrobrás e financiadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES e demais órgãos financiadores, exerce importante papel: de construir o próprio Estado na região, como argumentara Oliveira (2000) e com isso, lançar as bases para o desenvolvimento das atividades econômicas e do capitalismo na região.

Nesse sentido, como argumenta Hiernaux-Nicolas (2006), os corações dessas cidades do influenciadas por tais empreendimentos, tem sido objeto de dinâmicas múltiplas e de re-investimentos importantes, tanto de parte dos atores políticos e econômicos, como dos atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sócio-espaciais, e, portanto territoriais advindas com a inserção do grande capital e de empresas transnacionais como a Petrobras, no estado do Amazonas, produzem novas centralidades urbano-regionais. Um princípio dessa nova centralidade na região dá-se com a construção do gasoduto, e mais recentemente com a ponte sobre o rio Negro que intensifica os fluxos no território, conecta lugares Manacapuru a capital e modifica o perfil da região metropolitana de Manaus.

Esta centralidade identificada na região é diretamente ligada diretamente a (re) produção capitalista do espaço, o que significa a criação de lugares privilegiados e geração de zonas periféricas completamente desprovidas de serviços básicos e uma infra-estrutura mínima para os seus moradores, situação esta que contribui para os processos migratórios populacionais em busca de melhores condições de vida.

Por sua vez, o processo de formação de *centralidades* intra ou interurbana (regionais) não está dissociado das economias nacionais e globais e, essa é uma característica que é válida destacar, pois reafirma uma situação marcante para a produção do espaço na Amazônia que é a dependência de fatores externos em sua consolidação.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, Secretaria do Estado da Fazenda. **Relatórios de ICMS, IPI, Royalties e IPVA**. Disponível em: <https://www.sefaz.am.gov.br/indexSSL.asp>. Acesso em: 13 set. 2006.
- ASCHER, François. Metropolização e transformação dos centros das cidades. (p.59-67). In: HUET, Bernard e outros. **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. Editora Terceiro Nome: Viva o Centro: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- BECKER, Berta (1996) Redefinindo a Amazônia: o vetor tecno-ecológico. (pp. 223-244) In: CASTRO, I. et al. (org.): Brasil. **Questões atuais da reorganização do território**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2008. 4ª ed.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catharine. (Org.) **De volta à Cidade: gentrificação e revitalização dos centros**. Annablume. São Paulo, 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo, EDUSP, 1994.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- HIERNAUX-NICOLAS, Daniel. A reapropriação de bairros da Cidade do México pelas classes médias: em direção a uma gentrificação? In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catharine. (Org.) **De volta à Cidade: gentrificação e revitalização dos centros**. Annablume. São Paulo, 2006.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. In: **Revista GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008.

LENCIONI, Sandra. Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. vol. XI, núm. 245 (07), Universidad de Barcelona, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Record. São Paulo, 2000.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. In: **Revista GEOSUP – Espaço e Tempo: FFLCH**, 2006, pp. 93-111.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na Selva**. Manaus: Valer, 2000.

OLIVEIRA, J. A. ; COSTA, D. P. Análise da moradia em Manaus(AM) como estratégia de compreender a cidade. **Scripta Nova, Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. XI, p. (30), Universidad de Barcelona, 2007.

OLIVEIRA, J. A. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Setembro de 2004. Disponível <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel74/JoseAldemirdeOliveira.pdf> Acesso em 02 de setembro, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

TOURINHO, Andréa de Oliveira. Centro e centralidade: uma questão recente. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de, (Org.) **Geografias das Metrôpoles**. Editora Contexto. São Paulo, 2006.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço intra-urbano no Brasil**. Nobel/Fapesp. São Paulo, 1998.